

**IÇÁ-MIRIM OU ESSOMERICQ:  
O LEGADO DA PÓS-MEMÓRIA DO JOVEM CARIJÓ NA NORMANDIA<sup>1</sup>**

***Içá-Mirim or Essomericq:  
the post-memory legacy of the young carijó in normandy***

***Içá-Mirim o Essomericq:  
el legado de la pos-memoria del joven carijó en Normandía***

Vanessa Pastorini  
Doutoranda em Semiótica, Universidade de São Paulo  
E-mail: [vanessa.pastorini@usp.br](mailto:vanessa.pastorini@usp.br)

**Áltera**, João Pessoa, Número 18, 2024, e01802, p. 1-19.

ISSN 2447-9837

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma ramificação das pesquisas realizadas no âmbito do projeto “La post-mémoire au Chili. Art, littérature, témoignage” do ECOS-Sud, em parceria com a Université Paris Cité (França), Universidad de Talca (Chile) e Universidade de São Paulo (Brasil), e com o suporte da FAPESP através do processo 2021/12033-7



**RESUMO:**

Este artigo tem por objetivo investigar a presença da pós-memória nos documentos que fazem referência à vida de Binoit Paulmier, também conhecido como Içá-Mirim ou Essomericq, o filho do cacique carijó Arosca que foi levado à França no século XVI a bordo do navio *L'Espoir*. As produções dos descendentes deste ilustre personagem servem de ponto de partida para a nossa argumentação: uma do seu bisneto, o abade Jean Paulmier, e outra de Dorothée de Linares, catorze gerações mais tarde. Os estudos da memória e as pesquisas que vêm sendo realizadas no âmbito da pós-memória serviram como base teórica para mapearmos as significações que atravessam os discursos destes sujeitos. Com efeito, pudemos vislumbrar os impactos da presença de um indígena carijó na vida dos seus descendentes, além de lançarmos luz sobre uma situação extraordinária: a de um indígena brasileiro que se tornou aristocrata e deixou um longo legado às gerações futuras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-memória. Literatura. Binot Palmier. França. Século XVI.

**ABSTRACT:**

The aim of this article is to investigate the presence of post-memory in the documents that refer to the life of Binoit Paulmier, also known as Içá-Mirim or Essomericq, the son of the Carijó chief Arosca who was taken to France in the 16th century on board the ship *L'Espoir*. The productions of the descendants of this distinguished character serve as a starting point for our discussion: one by his great-grandson, Abbot Jean Paulmier, and another by Dorothée de Linares, fourteen generations later. Memory studies and the research that has been carried out in the field of post-memory have served as a theoretical basis for mapping the meanings that run through the speeches of these subjects. Indeed, we were able to draw a picture of the impactful presence of an indigenous Carijó on the lives of his descendants, as well as shedding light on an extraordinary situation: that of an indigenous Brazilian who became an aristocrat and left a long legacy to future generations.

**KEYWORDS:** Post-memory. Literature. Binot Palmier. France. 16th century.



### **RESUMEN:**

El objetivo de este artículo es investigar la presencia de la posmemoria en los documentos que se refieren a la vida de Binoit Paulmier, también conocido como Içá-Mirim o Essomericq, hijo del cacique carijó Arosca que fue llevado a Francia en el siglo XVI a bordo del navío *L'Espoir*. Como punto de partida de nuestra argumentación nos sirven las producciones de los descendientes de este ilustre personaje: una de su bisnieto, el abad Jean Paulmier, y otra de Dorothée de Linares, catorce generaciones más tarde. Los estudios sobre la memoria y las investigaciones que se están llevando a cabo en el campo de la posmemoria constituyeron una base teórica para cartografiar los significados que recorren los discursos de estos sujetos. En efecto, pudimos vislumbrar el impacto de la presencia de un indígena Carijó en la vida de sus descendientes, así como arrojar luz sobre una situación extraordinaria: la de un indígena brasileño que se convirtió en aristócrata y dejó un largo legado a las generaciones futuras.

**PALABRAS CLAVE:** Posmemoria. Literatura. Binot Palmier. Francia. Siglo XVI.



## INTRODUÇÃO

A história indígena brasileira é bem diferente da ensinada nos livros didáticos, e disso nós sabemos à exaustão. O que parece mais interessante é levantarmos discussões sobre temas que provocam desconforto e que, se não forem feitas, muitos dos acontecimentos passados permanecerão no anonimato. Inserido nesse cenário, temos o caso flagrante do rapto de crianças indígenas durante o período da colonização brasileira. Perrone-Moisés (1992), em sua pesquisa sobre os franceses que vieram para o Brasil, nos apresenta as seguintes estatísticas no que se refere às circulações de crianças indígenas, algumas delas de períodos anteriores ao marco de 1500: em sua viagem, Cristóvão Colombo (1492) teria voltado com 36 indígenas em seu navio, Bartolomeu Colombo (1494) com 300, Américo Vespúcio (1499 e 1501) com 222 e Vicente Yáñez Pinzón (1500) com 36. Os dados não mentem e nos permitem confirmar de antemão o interesse não apenas pelos bens naturais existentes no novo mundo, destacando-se a intensa extração do pau-brasil, mas também por levar seus habitantes nativos para terras europeias.

Dentre os motivos que levaram os navegantes europeus a carregarem suas embarcações com sujeitos originários das terras da América, ressaltamos o seu uso enquanto *peças vivas* de coleções privadas (Costa, 2019), um fato que perdurará por muitos anos. O entusiasmo provocado por essas populações consideradas tão “exóticas” culminará em atrocidades como a Exposição Universal de Paris, de 1889, em que diversos grupos étnicos foram expostos em jaulas e trajados de forma a satisfazer a curiosidade dos europeus sobre suas culturas.<sup>1</sup>

A nebulosa que paira sobre esses relatos atua como entrave para elucidar a vida desses personagens, representando não uma falta de vontade, mas sim uma falta de pistas históricas que permitam ao pesquisador interessado traçar os percursos destes sujeitos. Insere-se neste contexto a denúncia apontada por João Pacheco de Oliveira (2022) de que certas situações históricas e os regimes de memória nelas implicados são mobilizados pelos grupos dominantes, que “objetivam deliberadamente o controle e o extermínio de memórias tanto quanto de pessoas” (2022, p. 26). Diante disso, estaríamos portanto impossibilitados de seguir buscando respostas à história dessas crianças, ou teríamos outras alternativas a serem formuladas em outros campos de estudo, como os trabalhos que vêm sendo realizados no âmbito dos *Memory Studies*?<sup>2</sup>

1 Ver, nesse sentido, o estudo de José Luis Alonso Marchante (2019), no qual o autor discute os horrores encarados pelos Selk’nam, retirados do território da Terra do Fogo para servirem de entretenimento nestes zoológicos humanos e forçados a levar uma vida lamentável de humilhações e constrangimentos.

2 Tendo como estudo inaugural o célebre *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* (1925), de Maurice Halbwachs, a memória passa a ser compreendida não como um simples aspecto individual, mas como elemento igualmente relacionado ao nível coletivo e societal. Após este marco, uma nova disciplina ganha corpo, inicialmente preocupada com a memória individual, expandido-se mais tarde para o âmbito da



É sobre tal questão que este artigo pretende se debruçar: seria possível trabalhar com a memória perdida, recolhendo os fragmentos dos discursos que marcaram os descendentes destas linhagens pouco conhecidas, reconstruindo parte dessas histórias?

Nossa aposta é que, por meio dos estudos da chamada *pós-memória*, conceito a ser discutido mais à frente, acrescida dos recursos oferecidos pelo fazer literário, torna-se possível trabalhar com o passado dessas crianças. Relatos que, pelas mais variadas razões, foram silenciados nos documentos oficiais. Com o intuito de atender às exigências epistemológicas do saber científico, nossa hipótese demanda uma investigação adequada a partir de um *corpus*, o que nos levou à escolha de um caso curioso e mesmo pouco conhecido, tanto pelos brasileiros quanto pelos franceses: trata-se da presença do filho de um cacique carijó que, no século XVI, se tornou o primeiro indígena brasileiro a aportar em terras francesas e a viver em seu território. Contrariando as estatísticas de mortes precoces de crianças indígenas na Europa, o jovem virá a se tornar o patriarca de uma prole de catorze filhos, estabelecendo desta forma uma linhagem de descendentes nobres no território francês.

Ao contrário dos “maus encontros” recorrentes entre as populações originárias e os navegantes europeus, a história de Essomericq, como assinala Perrone-Moisés (1999), é fruto de um “bom encontro”, um lampejo de relação amistosa entre a população local e os navegantes que nela ancoravam. Desta feita, o objetivo principal será o de tentar demonstrar como a pós-memória se manifesta nos documentos referentes à história de Binoit Palmier, também conhecido como Içá-Mirim ou Essomericq, o filho mais velho do cacique Arosca. O legado deixado pelo jovem parece materializar-se em duas situações distantes temporalmente, mas unidas por este fio condutor: o que escreveu seu bisneto, o padre Jean Paulmier de Courtonne, no século XVII, e o relato de uma possível descendente longínqua, Dorothee de Linares, uma francesa que no século XXI empreendeu o trabalho de revisitar a história de seu ancestral brasileiro.

## A HISTÓRIA DE ESSOMERICQ (1500): O JOVEM CARIJÓ AFRANCESADO

Normandia, França, 1658. Uma ilustre família, cuja nobre estirpe era assegurada pelas riquezas e terras que possuíam, é surpreendida pela cobrança do *imposto de estrangeiro*.<sup>3</sup> O motivo: uma descendência proveniente de um “alienígena” na árvore genealógica dos membros do grupo. Indignada, a viúva de Olivier Paulmier, Marie

---

memória social e das políticas de memória pública, e tornando-se fortemente caracterizada pela sua multidisciplinaridade.

3 Perrone-Moisés (1992) explica que o imposto de advena (*droit d'aubaine*) era uma taxa cobrada aos estrangeiros radicados na França.



Collet de Boves, decide pedir auxílio a seus filhos para resolver o ultraje ao qual foi submetida. Como uma família tão bem relacionada e de origens aristocráticas poderia ser constrangida ao pagamento de uma taxa como esta? O filho mais velho, o padre Jean Paulmier de Courtonne, acode a sua mãe e, juntos, escrevem um pedido ao então jovem rei, Louis XIV, para que o documento original referente à origem do bisavô fosse enviado aos tabeliães de Ruão. O rei, que então se encontrava com vinte anos e prestes a sair da tutela de Mazarino, acolheu o pedido da ilustre família. O bisavô, a causa de toda algazarra provocada na linhagem desta aristocrática família francesa, era um índio<sup>4</sup> brasileiro.

A história desta suposta linhagem indígena na França nos é apresentada por Leyla Perrone-Moisés em sua obra intitulada *Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505* (1992), fruto de uma longa pesquisa dos documentos e arquivos referentes aos membros desta família. A autora investiga sobretudo a vinda do primeiro francês que chegou ao Brasil, o Capitão de Gonneville, em meados de 1503, viagem cujos acontecimentos foram posteriormente transcritos em uma *Relação* (1505). O documento foi concebido a partir de uma transmissão oral feita pelos integrantes principais da embarcação ao amanuense de Honfleur, sendo esta, portanto, a primeira etapa de mediação da memória: do oral para o escrito.

O texto da *Relação*, primeiro documento atestando uma viagem francesa à América, tem a função principal de comunicar às autoridades os acontecimentos de uma viagem tão longa.<sup>5</sup> Por mais que o enunciador seja coletivo, congregando as vozes do Capitão de Gonneville e seus companheiros de viagem, Andrieu de la Mare e Antoine Thiéry, ele não deixa de transmitir a riqueza dos pormenores descritos. O relato servirá, sobretudo, como objeto de testemunho sobre as vivências e aventuras destes sujeitos, perdurando por várias gerações subsequentes, como poderemos destacar mais adiante.

Além de apresentar o balanço dos artigos de viagem perdidos durante os ataques de piratas enquanto o navio retornava para a França, a fim de serem reembolsados pelas autoridades, o documento contém a descrição dos indígenas brasileiros com os quais os tripulantes estabeleceram os primeiros contatos. A representação feita da população nativa é minuciosa, como atesta o fragmento da narração do sujeito que os navegantes tomaram por “rei” daquele grupo, o cacique Arosca: “Homem

4 Utilizamos aqui o termo “índio” com o intuito de nos aproximarmos do conteúdo dos relatos presentes na obra e o efeito que ele suscita. Passaremos, nas aparições subsequentes, a empregar “índigena”.

5 Há muitas controvérsias sobre a veracidade dos dados constatados no documento, como ilustrado pelo trabalho investigativo de Margaret Sankey (2021), que considera a história de Essomericq um mito. Os argumentos levantados pela jornalista insinuam a invenção de fatos e fabricação da história para fins pessoais, uma vez que o texto original da *Relação* nunca foi encontrado. Entretanto, nos parece mais uma disputa de narrativas, algo já sinalizado por Perrone-Moisés, e cuja solução viável seria a testagem genética da ossada de parentes próximos ao carijó, trabalho ainda a ser feito.



de postura grave, estatura média, gordinho, olhar bondoso...” (Perrone-Moisés, 1992, p. 22). Muito provavelmente eles estavam tratando com um grupo de Carijós, então localizados na região onde hoje fica o estado de Santa Catarina e que são atualmente interpretados como os antigos Guaranis.

O mais importante da *Relação*, todavia, para além do relato do encontro entre os franceses e os habitantes do sul brasileiro, é o fato de que o cacique Arosca entregou para Gonneville o seu próprio filho, o ainda jovem Essomericq. Para não ficar isolado, Essomericq foi acompanhado por Namoa, membro do grupo que tinha a confiança do cacique e cuja idade aparente ficava entre trinta e cinco e quarenta anos. O combinado estabelecido era o de que os brancos ensinariam ao seu filho os seus saberes, em especial o uso das armas de fogo, e devolveriam tanto Essomericq quanto Namoa após o período de vinte luas.

Apesar da promessa firmada, o trato não foi cumprido. Dois fatores merecem menção. Durante a viagem, Namoa morre e o jovem Essomericq, extremamente fragilizado pelas durezas da travessia provocadas pelo escorbuto, é batizado com o mesmo nome do Capitão Paulmier, Binot. Um milagre acontece e o jovem carijó sobrevive contra todas as expectativas. Conforme denunciado pela *Relação*, porém, o navio foi atacado por piratas quando estava prestes a alcançar as terras francesas, o que culminou também na destruição do diário de bordo com as notas preciosas sobre os acontecimentos vividos (Verlinden, 1959).

O Capitão, não tendo possibilidade de regressar às terras austrais, leva a sério as responsabilidades que assumiu com o cacique Arosca e decide integrar Binot à vida francesa casando-o com uma parente sua, “provavelmente uma sobrinha” (Perrone-Moisés, 1992, p. 114). A união parece ter sido extremamente frutífera, pois estão contabilizados os nascimentos de nada menos do que catorze filhos. O jovem carijó, agora membro de uma notável família francesa, só virá a falecer aos 95 anos de idade, deixando os pormenores desta vida desconhecidos para sempre. O que sobrar, como veremos, serão as marcas em seus descendentes.

Anos depois do ocorrido, a “mancha” na árvore genealógica da família Palmier de Gonneville será revisitada pelo bisneto de Essomericq, o já mencionado abade Jean Paulmier, com a publicação, em 1673, de *Mémoire touchant l'établissement d'une mission chrestienne dans le troisième monde* [Memorando sobre o estabelecimento de uma missão cristã no terceiro mundo]. Não se pode negar que “a história do seu bisavô o fascinava” (Perrone-Moisés, 1992, p. 115), levando-o a estudar a cópia da *Relação* que a família obteve e, a partir dela, construir a sua própria memória dos fatos.

O memorando, documento escrito pelo abade a partir dos conhecimentos obtidos sobre seu avô, não pode ser ignorado, uma vez que “é a versão mais próxima

dos fatos narrados, aquela que estava na lembrança familiar” (Perrone-Moisés, p. 121). Mesmo que guiado por razões pessoais, atreladas sobretudo à concepção de projetos de catequização dos habitantes da nomeadas “terras austrais”, o trabalho do bisneto de Essomericq carrega as marcas dessa pós-memória legada ao descendente de um personagem ilustre e pouco presente na historiografia oficial.

## A PÓS-MEMÓRIA: A MARCA DEIXADA NOS DESCENDENTES

A vontade de retrazar a árvore genealógica da família impulsiona o abade Jean Paulmier a conceber a sua própria visão dos fatos, alinhando-os a partir dos seus anseios para o futuro evangelizador das Américas. Entretanto, este não é o único momento em que a marca do indígena carijó é encontrada em discursos produzidos por seus descendentes. Passados mais de 500 anos e catorze gerações, a história de Essomericq é reacendida uma vez mais através de uma possível parente francesa, Dorothee de Linares, que, junto de um blog pessoal,<sup>6</sup> empreendeu uma viagem à terra do seu parente ancestral. Temos, conseqüentemente, dois sujeitos unidos pelo traço sanguíneo de um ancestral indígena, cuja pós-memória deixada pela narrativa ofuscada serviu como ponto de partida para as suas produções.

Ao nos indagarmos sobre o impulso de compreender esta memória longínqua, evidenciada em duas situações distintas, somos levados a nos questionar sobre o que é a pós-memória e o que a distingue da memória propriamente dita. O construto da memória de uma dada sociedade, como bem nos lembra Oliveira (2016, p. 26), “não é a combinatória nem muito menos o somatório de uma matéria neutra; ela foi tecida pelos próprios atores sociais em diferentes situações, trazendo para seus novos usos muitos sentidos infusos em usos anteriores”. No caso das memórias indígenas, diferentes regimes de memória da nação foram sendo congregados, conforme os anseios e demandas da sociedade da época. Dito de outra forma, a memória pode ser compreendida como o conglomerado selecionado e posto em circulação por instâncias de controle.

A alternativa para escapar de produções completamente enviesadas e apreender a maior amplitude de sentido é dar um passo além. Na esteira das palavras do antropólogo,

o investigador não deve se limitar a uma documentação produzida por fonte oficial e que reflita uma perspectiva supostamente canônica em relação àquele assunto: precisa explorar a diversidade de fontes e a multiplicidade de relatos possíveis, beneficiando-se do resultado de pesquisas antropológicas e históricas atuais (Oliveira, 2016, p. 29).

6 Disponível em: <https://essomericq.com/>. Acesso em: 24 set. 2024.



Conforme a problemática apresentada, caberia, então, pensar no recurso da pós-memória, foco da atenção de autores como Marianne Hirsch (2012) e que constitui uma das vertentes dos *memory studies*. Para a autora, a pós-memória não envolve a abordagem da memória da geração que viveu os efeitos provocados por grandes acontecimentos, como é o caso dos sobreviventes diretos do Holocausto e que passaram por campos de concentração. Ao contrário, a atenção passa a ser dedicada aos descendentes, às gerações posteriores que, mesmo não tendo vivido diretamente os fatos, são de alguma forma atravessadas por eles. A sentença apropriada seria: não vivi, mas de alguma forma carrego esta herança comigo.

A pós-memória pode ser compreendida, neste contexto, a partir de duas estruturas (Estay Stange, 2017, p. 67):<sup>7</sup> *inframemória*, correspondente à dimensão passiva de uma geração à outra, e a *pós-memória* propriamente dita, identificada como a dimensão pragmática e ativa que culmina na sua colocação em discurso. Vamos por partes. A *inframemória* é aquela que corresponde às manifestações somáticas dificilmente identificadas: uma batida de coração acelerada, bochechas coradas, os olhos que começam a lacrimejar (Estay Stange, 2017). Fruto majoritariamente de relatos fragmentados, os efeitos da *inframemória* no corpo atestam a presença de imagens recebidas hereditariamente: conteúdos que foram transmitidos ao sujeito com o passar das gerações de forma silenciosa e por vezes despercebida. Não se trabalha com o discurso formulado, mas com um *discurso do corpo* (Estay Stange, 2020), ainda não semiotizado e materializado pela construção de novos discursos. Por ser um aglomerado somático sem um funcionamento bem definido, cabe aos descendentes escolher o que será feito com esta carga que lhes foi passada, ou seja, a forma com que a trabalharão.

Em contrapartida, a pós-memória trata mais especificamente da enunciação efetiva. É a formulação das memórias dos outros transmitidas ao sujeito e atualizadas e realizadas em discurso (Estay Stange, 2022). À diferença da memória comumente trabalhada, a pós-memória funciona como tradução do que foi recebido, de modo que “o modifica parcialmente, reescrevendo-o a partir de outros pontos de vista, perspectivas, sistemas de valores e atitudes apaixonadas” (Violi, 2020, p. 23). É possível constatar que “a pós-memória não é uma posição de identidade, mas uma estrutura de geração de transmissão incorporada em várias formas de mediações” (Hirsch, 2012, p. 35). As modificações são responsáveis por gerarem criações novas, materializando uma memória então apenas potencializada por meio de um exercício tradutório do sujeito da enunciação. Podemos inferir que o interessante desta abordagem não é compreender a natureza dos fenômenos, mas sim analisar as ferramentas mobilizadas por eles para se manifestarem (Violi, 2020).

---

7 Quando não houver indicação em contrário, todas as traduções encontradas no artigo são da autora.



A melhor forma de elucidar o que entendemos por pós-memória é pelo confronto com os elementos que temos diante de nós. No caso deste trabalho, optamos por trazer a pesquisa realizada por Perrone-Moisés (1992), assumindo-a como um debate sobre a forma como o indígena carijó Içá-Mirim, ou Essomericq, é presentificado nos documentos oficiais, e também abordar as demais narrativas que o circundam. O que se assume de antemão é o próprio mutismo do personagem, visto que “Essomericq não ‘diz’ uma única palavra nos documentos que nos chegaram”, ou, ainda, a eterna dúvida se, quando deslocado do seu ambiente de origem, “teria Essomericq ficado maravilhado com o que via?” (1992, p. 161-2). O conhecimento das coisas que enfrentou e os pensamentos que possa ter tido não podem, de fato, ser localizados. O trabalho da pós-memória, tal como nos propomos a interpretá-lo, é a forma como esta memória fragmentada foi transmitida para gerações futuras e como, a partir dela, novas produções ganharam vida.

Com efeito, o ponto principal é que estamos lidando com uma geração que “se esforça para reativar e reincorporar estruturas políticas e culturais mais distantes, reinvestindo-as com formas individuais e familiares ressonantes de mediação e expressão estética” (Hirsch, 2012, p. 33). Neste caso, a memória transmitida e mediada pelas mais variadas estruturas (documentos e imagens) atravessa os sujeitos colocados em cena, mobilizando diferentes mecanismos de tradução para que se possa trabalhar com ela. A partir deste ponto de contato, cabe-nos agora a tarefa de mapear onde o trabalho da pós-memória agiu sobre os descendentes e como são construídas as significações em torno das produções decorrentes dessa longínqua memória herdada.

## **O TRABALHO DE FICCIONALIZAÇÃO: A ESCRITA DO ABADE PAULMIER**

O funcionamento das estruturas de apagamento se faz presente em alguns aspectos da história de Essomericq, que, mesmo sendo um exemplo do que seria o “bom contato” entre as duas culturas, não se distancia das operações empreendidas com crianças retiradas de seus territórios. Isso porque Essomericq, ainda a bordo do navio que retornava à França, foi batizado com o mesmo nome do capitão em um esforço para tentar salvá-lo do escorbuto que já havia ceifado a vida do seu companheiro, Namoa. Em outras palavras, à medida que se distanciavam do local de origem do jovem, distanciavam-se também de sua própria identidade atrelada sobretudo às origens indígenas.

Dentre os filhos deixados por Essomericq, apenas Binot Paulmier continuou a linhagem masculina casando-se com a aristocrata Jeanne de Robillard, com quem teve outros vários filhos, permitindo-nos afirmar que “o índio originário fora considerado



como um legítimo príncipe, filho de chefe que era; e que sua descendência, já na segunda geração, fundira-se perfeitamente na aristocracia francesa” (Perrone-Moisés, 1992, p. 114). O Abade Paulmier foi o primeiro descendente de Essomericq a pesquisar a ascendência de sua família, atendendo ao pedido de sua mãe, que então se encontrava em uma situação desconfortável perante as autoridades francesas. O ponto de partida para as suas motivações estava, portanto, lançado, mas não parou por aí.

O interesse pela presença de um membro tão distinto em sua árvore genealógica o impulsionou a ir mais além, culminando na escrita de um memorando dedicado a evidenciar o passado da sua família e justificar projetos futuros: a catequização dos habitantes das Terras Austrais. Na leitura empreendida por Perrone-Moisés (1992, p. 339), “o que o abade pretendia mostrar era a boa índole dos selvagens e sua predisposição à fé cristã”. Nas palavras do próprio abade:

A inclinação natural que devo ter pelos Austrais me convida a suplicar que não lhes seja negada a ajuda que eles esperam; a qualidade que tenho como representante, nascido de alguém que eles já enviaram como embaixador para esse fim, me incita a solicitá-la; já que a principal função de qualquer pessoa honrada com esta sagrada Ordem consiste em empregar-se com todo o seu poder em coisas que dizem respeito à salvação de seu próximo (Paulmier, 1672-73, p. 27).

A *Relação*, em que se encontravam as únicas referências ao seu antepassado, é traduzida pelo olhar do abade e passa a circular pela França como instrumento a incentivar o retorno às “Terras Austrais” (mesmo sem saber exatamente onde elas se encontravam) e, com isso, converter seus habitantes ao cristianismo. A ancoragem principal encontrada por Jean Paulmier para representar a história do seu bisavô foi a *Relação*, escrita em 1505 logo após o retorno dos navegantes à França e que assume a posição de um *ponto de memória*, correspondendo a “pontos de interseção entre passado e presente, memória e pós-memória, lembrança pessoal e lembrança cultural” (Hirsch, 2012, p. 61). Isso porque não se trata apenas do uso de um material histórico qualquer para a discussão de determinada ocorrência, mas igualmente uma reivindicação face ao fato de que “o seu antepassado teria sido trazido à França involuntariamente, e não devolvido por razões independentes de sua vontade” (Perrone-Moisés, 1999, p. 341). A quebra de um contrato previamente estabelecido, deixando uma das partes completamente desamparada, aparece como força motriz do percurso narrativo de fundo deste discurso (Barros, 2002).

Mesmo não se tratando de um trauma propriamente dito, nos termos dos grandes acontecimentos históricos, a pós-memória constitui uma presença inegável nos membros da família de Essomericq, reavivando a injustiça cometida com um de seus membros. Isso porque tem-se a presentificação da diferença dos povos das

Américas que, “mesmo revestida das formas civilizadas, existia doravante em face do europeu como um remorso e uma dúvida embaçando sua identidade” (Perrone-Moisés, 1992, p. 173). Nesse aspecto, ao retomarmos o percurso metodológico proposto por Violi (2020), em que a atenção se volta para as formas semióticas empregadas para a manifestação desta marca no sujeito, o esforço do Abade é o de amenizar os danos provocados pela França aos países colonizados, mesmo que seja a partir daquilo que acredita ser o correto: a catequização da população local.

Como discutimos anteriormente, o trabalho de tradução necessário da pós-memória é atravessado por interesses pessoais responsáveis por moldar os discursos conforme o ponto de vista assumido pelo sujeito, convocando recursos como a ficcionalização para preencher as lacunas existentes. No que tange às intenções apresentadas pelo Abade de empreender um trabalho missionário, sabe-se, pela história corrente, o que a presença de missionários em terras brasileiras provocou de fato para os povos indígenas: transmissão de doenças que resultaram em epidemias de difícil controle, separação de famílias e instauração das chamadas “guerras justas” (Oliveira, 2016). Todavia, não é garantido que as propostas feitas pelo descendente de Paulmier se tornariam mais uma das causas do genocídio indígena devido a relação prévia de sua família com esses povos.

Nos estudos sobre a presença do fator patêmico nos discursos, Fiorin (2007) afirma sua importância na ação humana, sendo responsabilidade da enunciação discursivizar a subjetividade. Ao contrário do senso comum, “o sentimento não se opõe à razão, pois é uma forma de racionalidade discursiva” (2007, p. 10). Ao voltarmos nossa atenção para o texto do Abade, percebemos que se destaca a valorização positiva das suas raízes indígenas, concebendo um percurso patêmico que o encoraja a reivindicar aquilo que considera o melhor para estes povos. Em outras palavras, apesar das distâncias temporais e, claro, espaciais, tem-se uma *inframemória* de sentimentos e afetos que é posta em discurso por meio do seu memorando, evidenciando um propósito claro em seu discurso.

Outro ponto interessante de observarmos nesse contexto é a diferença da vida vivida pelo seu antepassado face ao que ocorreu com a maioria das crianças indígenas transladadas para a França ou para a Europa como um todo. Enquanto o Capitão de Gonneville tratava os carijós de maneira simétrica, ou seja, atribuindo a eles o estatuto de sujeito (Perrone-Moisés, 1992), o mesmo não se dava em outras situações, como no caso dos naturalistas bávaros Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp Martius. Para eles, o europeu pertencia “a uma *raça superior, aristocrata da humanidade*” (Costa, 2019, p. 4). Em outros termos, o que se pode presumir é que o fato de ter sido tratado desde o início de maneira igualitária talvez tenha influenciado, de uma forma ou de outra, na maneira positiva como seu bisneto interpretou a



presença de sangue indígena em sua árvore genealógica.

Como último ponto deste tópico, é impossível não imaginar o que teria sido da própria história brasileira se o respeito mútuo entre sujeitos houvesse prevalecido, ao contrário de uma hierarquização pautada em conceitos como “raça”. Todavia, não podemos afirmar que tudo tenha transcorrido sem nenhum empecilho, sobretudo porque “Por mais que os franceses lhe assegurassem que tudo voltaria a ser como antes, a desolação da paisagem de inverno deveria parecer, ao índio, um verdadeiro fim do mundo” (Perrone-Moisés, 1992, p. 164). Sem a chance de sabermos o que realmente pensava Essomericq a respeito da situação na qual se encontrava, passemos ao que foi assimilado por sua descendente, Dorothée de Linares, e às significações que ela construiu em torno deste seu parente distante.

## NA TRILHA DA MEMÓRIA: PERCURSOS DE DOROTHÉE DE LINARES

O caminho de devolução do jovem Essomericq, prometido pelo capitão Binot Paulmier de Gonneville, não se completou após as vinte luas, mas depois de mais de quinhentos anos. A ausência provocada pela separação, acrescida das lacunas instauradas no seio da árvore genealógica, são traços encontrados nos discursos produzidos por Dorothée de Linares. No título do seu blog, *Sur les traces d’Essomericq: A la recherche de mon ancêtre, le premier Indien du Brésil qui a découvert la Normandie, en 1505* [Nas pegadas de Essomericq: em busca de meu antepassado, o primeiro índio brasileiro a descobrir a Normandia, em 1505], Linares estabelece, logo de início, o seu vínculo com o jovem carijó e reverte os olhares: não são os franceses que descobriram o Brasil, mas sim Essomericq que descobre a França.

Em uma publicação do blog datada de 21 de setembro de 2018, Dorothée de Linares traça um mapa dos documentos que comprovariam seu vínculo com os membros familiares de catorze gerações precedentes. Apesar da distância entre os dois sujeitos, a animação da enunciadora só aumenta à medida que justifica o seu parentesco, afirmando inclusive que “O sangue Essomericq que corre em minhas veias é bastante diluído! Mas a singularidade de seu destino significa que ele, sem dúvida, teve mais influência do que outros em minha própria história” (Linares, 2018b). A pós-memória longínqua não serviu para apagar os efeitos de sentido provocados na descendente de Essomericq, mas, pelo contrário, guiou-a rumo ao Brasil, fazendo o percurso de retorno planejado anos atrás.

Com o desejo latente de percorrer novamente as trilhas de seu ancestral, Dorothée de Linares tenta retratar o percurso de Essomericq, mesmo que os impulsos



ainda lhe sejam confusos, conforme o diálogo com o sobrinho esboçado em seu blog: “O meu sobrinho de 8 anos me perguntou: ‘Você vai ao Brasil procurar o esqueleto de Essomericq? Não? Então o que é que vai fazer exatamente lá?’ É outra boa pergunta, mas para a qual não há uma resposta simples!” (Linares, 2018c). A própria identidade expressa no discurso é respaldada por uma falta, e o empreendimento de uma trajetória de retorno apresenta-se, por meio da escrita do seu blog, como uma lógica compensatória desta própria falta, investida agora de um valor biográfico (Arfuch, 2010).

Logo no café da manhã no hotel, a chegada no território brasileiro é marcada pela sensação de pertencimento esboçado por um “eu me sinto quase em casa no Brasil” (Linares, 2018a). As referências para refazer a espacialidade de Essomericq são extraídas do memorando do abade de Paulmier, escrito centenas de anos antes. O texto histórico do abade é empregado não apenas por seu caráter altamente literário, mas sobretudo enquanto material histórico imprescindível para as memórias desse passado, enfatizando a forte relação existente entre a produção literária e a produção historiográfica (White, 1994).

Graças ao material fornecido pelo abade, o percurso espacial proposto por Linares a leva a empreender uma narrativa de regresso. A partir da sua leitura, a jovem francesa percorre São Francisco do Sul, terra onde se encontravam os antigos carijó, e cumpre a sua peregrinação pelos locais de memória do seu antepassado: o Museu Histórico da cidade, o Museu Nacional do Mar, a vista da cruz do alto da colina que marcou a presença de Gonneville na região e o parque ecológico que possui uma estátua dedicada a Içá-Mirim que Linares julgou “a expressão muito bem-sucedida de saudade do personagem” (Linares, 2018d).

As narrativas de regresso, tal como a empreendida pela descendente de Içá-Mirim, configuram-se como um enredo de promessa de revalidação e recuperação, presente naqueles marcados pela pós-memória (Hirsch, 2012). Mesmo não obtendo as respostas para as suas perguntas, Linares, sempre instigada pela necessidade de saber “Onde está a verdade?”, encontra a presentificação do seu antepassado em pequenos fragmentos materializados pela cidade de São Francisco do Sul. São os nomes das ruas e de pequenos comércios, como uma cafeteria e uma petisqueria, que servem como instrumentos na reconstrução da própria identidade ancestral evidenciada na produção de Dorothée de Linares.

Caminhando para o fim desta análise, frisamos que em seu trabalho de pesquisa sobre o indígena carijó Perrone-Moisés relembra, no ano de 1989, a reação dos livreiros e bibliotecários franceses sobre a possível presença de sangue carijó correndo nas veias de cidadãos normandos:

Quando, em 1989, fiz uma viagem a essa região em busca de maiores informações para o meu livro, livreiros e bibliotecários sabiam de Gonnevillle, mas mostravam-se espantados e até incrédulos quando eu lhes dizia que corria sangue índio nas famílias normandas, já que não apenas Essomericq, mas numerosos índios do Brasil nelas se integraram no século XVI (Perrone-Moisés, 1992, p. 347).

Bem diferente do que vínhamos observado até então, a sociedade local, segundo o ponto de vista exposto pela pesquisadora, pouco ou quase nada sabe a respeito da trajetória do jovem indígena carijó pelo território da Normandia francesa. Além disso, propõe enquanto contra-argumento uma outra história, na qual “o antepassado do abade, de nome Binot Paulmier de Gonnevillle, não foi um índio mas um huguenote que comandou um ataque seguido de saque na catedral de Lisieux em maio de 1562. Eis que o nosso índio se transforma num huguenote tão ‘selvagem’ quanto ele!” (Perrone-Moisés, 1992, p. 347). Os argumentos contrários à própria existência de Essomericq produzidos por intelectuais franceses, ocasionando uma justaposição de narrativas completamente distintas, foram refutados pela própria Perrone-Moisés (2003), que ressalta, em contrapartida, a necessidade de retomar os estudos dos documentos da época, como aqueles produzidos pelo próprio abade.

A construção de uma “verdade” nada mais é do que um jogo de crença do discurso que está sendo colocado à prova (Greimas; Courtés, 1979). A partir da instauração de uma zona de confronto entre narrativas distintas, podemos questionar, tomando como pano de fundo o contexto de uma nação colonizadora (França) face a outra de origens coloniais (Brasil), se não estaríamos entrando em um campo de disputa de narrativas. Conforme argumentado por Spivak (2010), dentro de uma lógica imperialista (econômica, educacional, social), pode de fato o subalterno falar? Ao que tudo indica, a história contada pelos países hegemônicos concentra seus esforços para se manter inalterada, visto que as instituições servem como instauradoras da memória em gêneros específicos.

Entretanto, a forma como Dorothee de Linares opta por levar adiante o que seria uma “mácula” na história da sua família demonstra uma contribuição para a mudança de paradigma (mesmo que seu blog tenha tido vida curta, de setembro a outubro de 2018). Enquanto francesa, nacionalidade que, queiramos ou não, é valorizada pela sociedade brasileira, Linares foi procurada por diversos órgãos de mídia para falar sobre sua ascendência, além de ser convidada a conhecer uma aldeia guarani durante sua viagem pelo Brasil. Conforme observado por Bertrand (2021), a pós-memória, tal como a compreendemos, estaria destinada sobretudo a questionar sua relação com as instituições. Em outras palavras, Linares transformou, de uma forma ou de outra, a pós-memória legada por Essomericq em uma ponte de diálogo entre passado e futuro, tornando-se praticamente uma diplomata dos seus ancestrais indígenas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Essomericq de Paulmier representa apenas uma centelha de outras tantas que se perderam no fio da história oficial. Muitas das crianças raptadas de seus lugares de origem sequer tiveram a chance de ter seus nomes registrados: são crianças transformadas em meros números nos relatos de viagem, tornando-se portanto seres invisíveis, sem que se possa sequer depreender um paradeiro certo. Essomericq, apesar de fazer parte das estatísticas nefastas da época, torna-se um caso completamente singular por dois motivos principais: ter se tornado membro de uma família abastada francesa, sobretudo adquirindo o direito de desposar uma parente do Capitão, como também por ter deixado uma longa linhagem de filhos, resultante da longa vida que teve e que permitiu a construção de um legado de descendentes interessados em reviver o seu passado.

Não se pode afirmar, contudo, que houve um silenciamento dos depoimentos pessoais no caso específico do Essomericq, visto que ele conseguiu sobreviver por muitos anos. É a própria Perrone-Moisés (1992) quem nos chama a atenção para o fato de que a escrita das experiências pessoais, a transmissão da história de forma linear, não faz parte do repertório destas culturas. Em outras palavras, Essomericq talvez não tenha nem cogitado escrever um legado das suas aventuras, ou talvez tenha optado pelo caminho do silenciamento como forma de sobrevivência escolhida. O sentimento de ausência marcou, como pudemos observar, os relatos e discursos produzidos pelos descendentes deste enigmático parente brasileiro.

Caminhando para o fim, destacamos que o artigo procurou trabalhar com outras formas pelas quais as lacunas da história vão sendo preenchidas a partir do recurso à pós-memória e aos trabalhos da ficcionalização, envolvendo em todos os casos uma escrita guiada por um desejo específico dos sujeitos implicados. Em outras palavras, por mais que a voz de Essomericq não esteja presente em nenhum dos documentos que denunciam sua presença no território francês, ele não deixou de exercer uma forte influência na vida daqueles que estavam em seu entorno. Os seus descendentes, ao lançarem mão do legado que lhes foi deixado, impediram de alguma forma que a memória do jovem carijó se perdesse completamente nas narrativas oficiais.

Em termos teóricos, o interesse não é meramente a datação cronológica dos dados, e sim observar os sentidos históricos elaborados a partir de horizontes partilhados, ou seja, a forma como as memórias são dispostas segundo uma vontade assumida como comum (Oliveira, 2022). Desta forma, torna-se possível pensar em hipóteses plausíveis para o local destinado às produções dos descendentes, como



também as de sujeitos atravessados por uma pós-memória no âmbito do próprio quadro da história.

Sendo a própria literatura um instrumento de memória, as possibilidades de contribuições aportadas por tais estruturas de construção discursiva não foram ainda totalmente pensadas, o que não interdita, porém, a proposição de entrelaçamentos cada vez mais próximos. As emoções que perpassam os percursos narrativos dos sujeitos afetados por memórias tão longínquas, especialmente no caso das populações indígenas, podem nos auxiliar na retomada da própria história destes povos. Um projeto promissor: que a primeira semente seja lançada.



## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

BERTRAND, Denis. Pos-posmemoria. Desgaste del tiempo, olvido, reactivación. **Tópicos del Seminario**, v. 45, p. 3-20, 2021.

COSTA, Maria de Fátima. Os “meninos índios” que Spix e Martius levaram a Munique. **Arteologie**, v. 14, p. 1-17, 2019.

ESTAY STANGE, Verônica. Art, littérature et post-mémoire: enjeux sémiotiques. **Actes Sémiotiques**, n. 127, p. 1-19, 2022.

ESTAY STANGE, Verônica. El nacimiento de un concepto. **Tópicos del Seminario**, v. 2, n. 44, p. 1-11, 2020.

ESTAY STANGE, Verônica. Survivre à la survie: Remarques sur la post-mémoire. **Esprit**, n. 438, p. 62-72, 2017.

FIORIN, José Luís. Semiótica das paixões: ressentimento. **Alfa**, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

HIRSCH, Marianne. **The Generation of Postmemory: Writing and Visual Culture after Holocaust**. New York: Columbia University Press, 2012.

LINARES, Dorothée de. Brésil – Premières sensations. **Sur les traces d’Essomericq: A la recherche de mon ancêtre, le premier Indien du Brésil qui a découvert la Normandie, en 1505**, 20 set. 2018a. Disponível em: <https://essomericq.com/2018/09/20/bresil-premieres-sensations/> Acesso em: 24 set. 2024.

LINARES, Dorothée de. Exercices pratiques sur l’arbre généalogique. **Sur les traces d’Essomericq: A la recherche de mon ancêtre, le premier Indien du Brésil qui a découvert la Normandie, en 1505**, 21 set. 2018b. Disponível em: <https://essomericq.com/2018/09/21/exercices-pratiques-sur-larbre-genealogique/> Acesso em: 24 set. 2024.

LINARES, Dorothée de. Les questions des enfants. **Sur les traces d’Essomericq: A la recherche de mon ancêtre, le premier Indien du Brésil qui a découvert la Normandie, en 1505**, 17 set. 2018c. Disponível em: <https://essomericq.com/2018/09/17/les-questions-des-enfants/> Acesso em: 24 set. 2024.

LINARES, Dorothée de. São Francisco do Sul et sa mémoire. **Sur les traces d’Essomericq: A la recherche de mon ancêtre, le premier Indien du Brésil qui a découvert la Normandie, en 1505**, 4 out. 2018d. Disponível em: <https://essomericq.com/2018/10/04/sao-francisco-do-sul-et-sa-memoire/> Acesso em: 24 set. 2024.

MARCHANTE, José Luis Alonso. **Selk’nam: Genocídio y resistencia**. Santiago: Editora Catalonia, 2019.



OLIVEIRA, João Pacheco. Catarina Paraguaçu e a disputa pelas alegorias do nascimento do Brasil. **Memórias Insurgentes**, v. 1, n. 1, p. 22-59, 2022.

OLIVEIRA, João Pacheco. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

PAULMIER, Jean. **Mémoire touchant l'établissement d'une mission chrestienne dans le troisième monde, autrement appellé la Terre australe, méridionale, Antartique, & Inconnue**. Paris: Claude Cramoisy, 1672/73. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1516495c/f9.item>. Acesso em: 24 set. 2023.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Essomeriq, o venturoso carijó. In: NOVAES, Adauto (org.). **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 335-350.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Le voyage de Gonneville a-t-il vraiment eu lieu?. **Colloque International “Voyageurs et images du Brésil”**, Paris, 10 dez. 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANKEY, Margaret. Jean Paulmier, Gonneville and Utopia: The Making and Unmaking of a Myth. **Australian Journal of French Studies**, v. 58, n. 1, p. 8-23, 4 jan. 2021. Disponível em: [https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/AJFS.2021.02?fbclid=IwZXhobgNhZWwCMTAAAR3Yr19tsTrFomTleW3PtLT8xvJ\\_HUyifmsUfMtLTF3zbgvgsXaGFOZM9jm4\\_aem\\_2pep4kUXlu86uboWjSZAW](https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/AJFS.2021.02?fbclid=IwZXhobgNhZWwCMTAAAR3Yr19tsTrFomTleW3PtLT8xvJ_HUyifmsUfMtLTF3zbgvgsXaGFOZM9jm4_aem_2pep4kUXlu86uboWjSZAW). Acesso em: 4 out. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERLINDEN, Charles. Paulmier de Gonneville e os Índios do Brasil em 1504. **Revista de História**, v. 19, n. 39, p. 3-17, 1959.

VIOLI, Patrizia. “Los engaños de la posmemoria”. **Tópicos del Seminario**, v. 2, n. 44, p. 12-28, 2020.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.

